



## AS PRÁTICAS DE ASSOCIAÇÃO E COOPERAÇÃO NA REGIÃO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL ANTES DE 1750<sup>1</sup>

*Miguelângelo Corteze<sup>2</sup>, Walter Frantz<sup>3</sup>. UNIJUI*

Resumo: O presente estudo é parte da dissertação (em andamento) do Mestrado em Educação nas Ciências, da UNIJUI, dentro da linha Educação Popular em Movimentos e Organizações Sociais. A pesquisa se propõe a analisar as práticas de associação e de cooperação da região Noroeste do Rio Grande do Sul até 1750, tendo por base a documentação já publicada, visando encontrar relações dessas práticas com as existentes na atualidade. Antes de 1750 os Sete Povos das Missões dominavam essa região dentro de um contexto em que a religião católica, representada pela Companhia de Jesus, mesmo fazendo parte da empresa colonizadora, realizava uma obra interessante do ponto de vista da cooperação e da associação. O problema está em identificar se as missões jesuíticas se constituíram em escola para as práticas de cooperação e associação da atualidade ou trata-se de dois contextos diferentes. O que se quer é repensar as práticas de associação e cooperação porque elas constituem um dos temas fundamentais para o desenvolvimento regional, além da possibilidade de servir de instrumento de transformação em favor dos oprimidos para construir um mundo mais justo. É a utopia de acreditar que o impossível é possível, pois para a educação, trabalhar com outras possibilidades, significa abrir horizontes. A metodologia para abordar a problemática referida será basicamente bibliográfica, pois se trata de uma pesquisa elaborada a partir de material já publicado. Autores como Prado Junior, Antonio Sepp, Arno Kern, Silvio Back e outros servem para contextualizar o processo histórico da experiência missionária como obra da Companhia de Jesus e dos Guaranis. Parte-se do período das grandes navegações, quando o continente americano se viu mergulhado noutro contexto, para analisar as práticas de associação e cooperação dos Sete Povos, inclusive antes da chegada dos jesuítas, pois os Guaranis já praticavam a agricultura e os resultados do trabalho eram repartidos em forma de cooperação na sua comunidade. Com os jesuítas parte da vida nativa foi incorporada, mas não reproduzida ou transplantada pelas reduções. Um exemplo é a propriedade da terra em que a “conquista espiritual” resultou num regime que contava com a propriedade privada, ou Abambaé, ao lado da propriedade comunitária, ou Tupambaé. Silvio Back em sua obra “República Guarani” critica as reduções jesuíticas do Paraguai, pois escondem muitas mentiras sobre uma invasão mais sofisticada e não menos arrasadora: a evangelização do gentio. A resistência dos caciques Niezu e Caarupé mostra como a proposta dos padres ainda gerava desconforto, mesmo com a manutenção de sua língua, das práticas de cooperação e associação, da vida coletiva e outros hábitos. Ao lado dessas polêmicas e tentando finalizar é importante destacar que antes de 1750 existiram práticas de cooperação e associação na região Noroeste (RS). Essas práticas se fazem presentes mesmo antes dos Sete Povos, mas foi nas reduções que elas atingiram uma maior importância econômica, embora sob o dirigismo dos jesuítas que entra em decadência a partir do Tratado de Madri.

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa em andamento realizado no curso de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijui

<sup>2</sup> Bolsista CAPES, aluno do Mestrado em Educação nas Ciências da Unijui.



# CT&I e SOCIEDADE

XVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
XV JORNADA DE PESQUISA  
XI JORNADA DE EXTENSÃO

4 a 8 de OUTUBRO de 2010



2 Orientador